



A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas

Eça de Queirós

Download now

Read Online ➔

A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas

Eça de Queirós

A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas Eça de Queirós

[A Correspondência de Fradique Mendes é uma obra póstuma de Eça de Queirós, apresentada como a recolha da correspondência desse «homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, dilettante e voluptuoso» que foi Fradique Mendes e que, segundo o narrador/compilador, teria passado no mundo «sem deixar outros vestígios da formidável atividade do seu ser pensante além daqueles que por longos anos espalhou, à maneira do sábio antigo, em conversas com que se deleitava, à tarde, sob os plátanos do seu jardim, ou em cartas, que eram ainda conversas naturais com os amigos, de que as ondas o separavam...». Em carta de 1885 a Oliveira Martins, Eça refere-se ao projeto como «uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão», acrescentando, em carta ao mesmo de três anos depois, tratar-se, de facto, de uma «novela - novela de feitio especial, didática e não dramática, mas enfim novela com uma narração, uma ação, episódios, uns curtos de diálogo e até paisagens». Entre os destinatários das cartas, contam-se personagens fictícias, como Madame Jouarre, a madrinha de Fradique, e personalidades reais, como Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.

A Correspondência de Fradique Mendes. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-02-07]. Disponível na [www](#):

Fradique Mendes, aquele que observava decotes, que estudou Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, que lutou heroicamente com Garibaldi, que arrebatava corações, mentes e corpos das senhoras e senhoritas puritanas, é o personagem mais fascinante de Eça de Queirós - o que não é pouco, numa obra de personagens deslumbrantes. Apesar de ver a vida como uma «escura debandada para a morte», Fradique acreditava que era possível debandar com arte, graça, estilo e, acima de tudo, bom-humor.

<http://linklivros.blogspot.com/2009/0...>

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, Eça de Queirós cria uma das suas personagens mais cosmopolitas, que exprime as ideias e também as ilusões da vanguarda cultural portuguesa da época.

<http://www.wook.pt/ficha/a-correspond...>

A Correspondência de Fradique Mendes é dividida em duas partes: «Memórias e notas» e «As cartas». Na primeira, o autor traça um saboroso perfil biográfico de Fradique. Nesta obra de humor clássico e refinado emerge um Fradique de caráter enigmático, aristocrata, poliglota e intelectual, símbolo de uma geração de pensadores da qual o próprio Eça participou. Já «As cartas», publicadas inicialmente no jornal Repórter de Lisboa e na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, são um retrato notável da época. Discutem desde grandes questões da humanidade até detalhes pessoais.

<http://www.lpm-editores.com.br/site/d...>

A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas Details

Date : Published April 5th 2006 by Luso-Brazilian Books (first published 1900)

ISBN : 9780850515220

Author : Eça de Queirós

Format : Paperback 176 pages

Genre : Cultural, Portugal, European Literature, Portuguese Literature, Fiction



[Download A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Nota ...pdf](#)



[Read Online A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e No ...pdf](#)

Download and Read Free Online A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas Eça de Queirós

From Reader Review A Correspondência de Fradique Mendes: Memórias e Notas for online ebook

Virgilio Machado says

A modernidade e o estilo de *A Correspondência de Fradique Mendes* são um marco da literatura portuguesa. Eça de Queirós criou um personagem fascinante, deu-lhe uma pátria, uma família, gostos, profissão e estilo próprio para criar uma voz diferente da sua – que fizesse um juízo sobre o mundo e sobre a sociedade portuguesa.

<http://www.lpm-editores.com.br/site/d...>

O romance *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queirós, aborda o contexto de Portugal. [...] Tal como descreve Eça, Fradique era um aventureiro, atormentado diante das injustiças sociais e da decadência da sociedade lusitana causada pelas constantes transformações sociais, políticas e económicas. Fradique foi um veemente crítico da sociedade lusitana, que não se deixou abater pela força das formas totalitárias, um incansável reconstrutor de um Portugal novo. Esse ser que Eça disse ter feito com pedaços de seus amigos é um ser plasmado com os anseios e ideais de uma geração de escritores que representava a vanguarda intelectual portuguesa do final do século XIX. [...] Expressão de uma incontida admiração pela figura do gentleman, personificação simbólica de uma elite intelectual que se opunha à vulgaridade e à chateza de um país em declínio, Eça, através de Fradique, tornou evidente também essa oposição pela sátira e pela crítica: às liturgias que atravancavam e contrariavam o puro espírito com que as religiões se deveriam exprimir, à vacuidade de certos políticos do parlamento (carta ao Sr. Mollinet, onde retracta Pacheco), a um certo tipo de capitalistas (carta a Mme de Jouarre, onde retracta o Comendador Pinho) e ainda à classe eclesiástica portuguesa, inteiramente vinculada e dependente do estado, personificada genericamente no «horrendo» Padre Salgueiro - carta a Mme de Jouarre. Fradique Mendes é uma personagem realista de Eça de Queirós que, descontente com a decadência de Portugal nas três últimas décadas do século XIX, saiu em incursão pelo mundo em busca não só do seu próprio reconhecimento como, também, da sua própria nação. Era, acima de tudo, um nacionalista que não suportava ver a sua pátria relegada a um limbo sem precedente. Diante de tal situação, Fradique voltou-se para o Portugal das grandes navegações com o objetivo de resgatar as raízes nacionais autênticas. Fradique, então, retomou o passado distante na expectativa de recuperar a verdadeira identidade portuguesa que outrora impulsionou outras civilizações a conquistar o mundo e a colonizar outras nações. [...] Através de Fradique, Eça exprimiu também um amargo ceticismo perante angústias sociais para as quais não encontrou remédio.

Iara Regina Franco Rodrigues e Onofre de Freitas

http://www.passeiweb.com/na_ponta_lin...

Rita Neves says

"Só portanto me resta ser, através das ideias e dos factos, um homem que passa, infinitamente curioso e atento. A egoísta ocupação do meu espírito hoje, caro historiador, consiste em me acercar de uma ideia ou de um facto, deslizar suavemente para dentro, percorrê-lo miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as surpresas e emoções intelectuais que ele possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcela de verdade

que exista nos seus refolhos - e sair, passar a outro facto ou outra ideia, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades de um país de arte e luxo."

Pequete says

Gostei de reler este livro, em primeiro lugar porque não me lembro nada de o ter lido a primeira vez - provavelmente porque quase todos os livros do Eça que li, foi na adolescência, a seguir a ter descoberto Os Maias (em que, felizmente, e graças à minha mãe, peguei antes de ter sido obrigada a lê-los na escola). Em segundo lugar, lidos a seguir ao Nação Crioula, fizeram-me apreciar melhor o talento do escritor angolano.

E embora não tenha gostado igualmente de todo o livro, houve duas cartas que valeram por todas as restantes: a carta ao Sr. E. Mollinet, na qual Fradique responde à pergunta do diretor da Revista de Biografia e de História, que pretende saber quem foi um certo Pacheco, "cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornais de Portugal". Ao responder, Fradique faz uma hilariante crítica ao político sem qualquer mérito que vai trepando na hierarquia e criando à sua volta uma aura sem qualquer fundamento, mas que a muitos ofusca e a quase todos convence. Podíamos facilmente trocar o nome do Pacheco por uns quantos que têm passado pelos nossos governos e poucas mais alterações seria necessário fazer.

A segunda carta que me encantou, também pela ironia e atualidade, foi a que Fradique escreveu ao seu amigo Bento de S., que se prepara para fundar um jornal. Ficam uns excertos, que dizem muito mais do que qualquer resumo que eu possa fazer:

"Meu caro Bento, A tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. (...) Não penses que, moralista amargo, exagero, como qualquer S. João Crisóstomo. Considera antes como foi incontestável a Imprensa, que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraizou no nosso tempo o funesto hábito dos juízos ligeiros. (...) Com exceção de alguns filósofos escravizados pelo método, e de alguns devotos roídos pelo escrúpulo, todos nós hoje nos desabituamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente, do penoso trabalho de verificar. É com impressões fluidas que formamos as nossas maciças conclusões. Para julgar em política o facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal escutado a uma esquina, numa manhã de vento. Para apreciar em literatura o livro mais profundo, atulhado de ideias novas, que o amor de extensos anos fortemente encadeou – apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo escurecedor do charuto. (...) Por um gesto julgamos um carácter; por um carácter avaliamos um povo. (...)"

"E quem nos tem enraizado estes hábitos de desoladora leviandade? O jornal (...)"

"Este é o primeiro pecado, bem negro. Considera agora outro, mais negro. Pelo jornal, e pela reportagem que será a sua função e a sua força, tu desenvolverás, no teu tempo e na tua terra, todos os males da vaidade! (...) nunca a vaidade foi, como no nosso danado século XIX, o motor ofegante do pensamento e da conduta. Nestes estados de civilização, ruidosos e ocos, tudo deriva da vaidade, tudo tende à vaidade. E a forma nova da vaidade para o civilizado consiste em ter o seu rico nome impresso no jornal, a sua rica pessoa comentada no jornal!"

Se Eça fosse vivo, não teria mãos a medir com o que a televisão e as redes sociais lhe ofereceriam, em matéria de inspiração!

Rodolfo Borges says

O livro não é ruim, mas monótono em boa parte. As três estrelas são em respeito ao resto da obra de Eça.

Emanuel says

"A Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação."

"Uma nação só vive porque pensa."

2014 - 4?

Isabel Maia says

Breves considerações sobre o livro em <http://thisismeinanuttshell.blogs.sap...>

If says

8/10

Maria Carmo says

Incredible testimony of Portugal and the world, culture and traveling at the end of the nineteenth century and profound reflections about the philosophy behind civilization.

Maria Carmo

Mauro says

Não há tanta e tão clara oposição entre o Fradique Mendes da primeira parte do livro (em que ele é personagem) e o da segunda parte (que contém as cartas que ele escreveu). Diz o professor que apresenta o livro que essa antinomia é a graça do livro - que o Fradique das cartas é vil e pequeno, em comparação com o da narrativa inicial, cultíssimo e inatingível.

Claro que há uma diferença entre um e outro - especialmente no que diz respeito ao que é mais íntimo, ao relacionamento com as mulheres (tema em que a primeira parte, a rigor, mal toca). Mas a segunda parte apenas aproxima o leitor do Fradique da primeira, não o destrói.

Lembra muito o poema em linha reta, do Fernando Pessoa: arre, estou farto de semideuses!

É isso que mostra a segunda parte: de perto, não somos semideuses, nem os melhores de nós - coisa que o realismo francês, que tanto mesmericou Eça de Queiroz, faz reverberar no melancólico estilo lusitano, tão dado à reconhecer antes as decepções que as vitórias; a registrar mais a decadência que o apogeu.

O que há de graça no livro - muita graça há, como na descrição do "imenso talento do Pacheco", que sempre lhe serviu para cargos públicos, mas nunca despontou - é uma graça resignada e mordaz, que mostra um certo desassossego, uma certa desesperança, tão antiga quanto moderna; tão lusitana quanto universal.
